Entre você e eu/ entre você e mim

Márcia Murça Barroso

Normalmente o hábito tem mais força do que a vontade de acertar. Essa característica do comportamento gera situações muitas vezes constrangedoras para aqueles que, cientes do certo e do errado, acabam em direção ao segundo por algum hábito adquirido. Já ouvimos frases que denotam todo descontentamento de seus elaboradores depois de perceber terem incorrido em erro porque não conseguiram policiar-se o suficiente. Quem já não se viu em situação assim?

Esse comportamento fica bastante evidenciado em estudos sobre o modo de utilização do idioma. Os usuários de uma língua, quando conhecem alguma das normas dessa língua só depois de consolidada sua expressão verbal, sentem grande dificuldade de substituir a construção espontânea do hábito pelas construções orientadas das regras gramaticais.

Isso é o que ocorre quando se usa a expressão "entre você e eu". Todos sabem que o pronome "eu", assim como o "tu", é pronome pessoal reto, ou seja, aparecerá em construção na qual ele se encontre livre de uma regência com preposição, numa relação direta e de independência com outros elementos da frase, como sujeito ou, raramente, predicativo do sujeito. Em "Ele apresentou seu voto", por exemplo, o pronome "ele" é independente, na oração, de qualquer termo que a esteja formando, pois é núcleo do sujeito dessa oração.

Na frase "Ele ficou entre <u>você</u> e <u>eu</u>" há coordenação dos elementos grifados, o que nos faz logo crer na função equivalente que têm os dois. Esses dois elementos, "você" e "eu", estão subordinados ao verbo "ficar" por meio da preposição "entre". Visto que o sujeito é sempre independente de qualquer outro termo da oração, imediatamente se pode concluir que na frase exemplificativa o emprego de "eu", pronome reto, está equivocado. Deve-se usar "Ele ficou entre <u>você</u> e <u>mim</u>"

Pode parecer estranho para alguns empregar frases como essa, mas, embora tenha o hábito força suficiente para isso, outro hábito pode ser adquirido rapidamente por meio da persistência em utilizar a forma não contrária à lógica da Língua. Exercícios de fixação podem ajudar, assim como pensar em algumas frases construídas pela mesma lógica.

Vejamos:

"Ele agiu contra ti" (e não "contra tu").
"Mentiste perante mim" (e não "perante eu").
"Ele vai depois de ti" (e não "depois de tu").
"Você vai sem mim?" (e não "sem eu").
"Ele zombou por trás de ti" (e não "por trás de tu").
"O professor emprestou o livro para mim" (e não "para eu").
"Para mim, escrever é um prazer" (e não "para eu").

No último exemplo, a convicção de que o pronome não é sujeito e de que, portanto, se deve usar "mim", e não "eu", forma-se pelo fato de estar claro ser apenas "escrever" o sujeito da oração, bem como de a preposição "para" ligar-se ao pronome. Essa evidência é reforçada com o emprego, logo depois do pronome oblíquo "mim", da pausa. A frase corresponde a "Escrever é um prazer para mim"... (e não "para eu"). Já em "Você me deu o lápis para eu apontar", apesar de haver aparente subordinação do pronome "eu", o que se subordina por meio da preposição – trazendo-se agora ensinamento do mestre Bechara – é, na verdade, o verbo no infinitivo ("apontar"), cujo sujeito é o pronome reto. ■

INTERNET